

Intestino da cidade

Maria das Graças Moreira Ramos- Graça Ramos*

*Mestra em Arte e Educação
Pensylvania State University
– USA. 1980. Doutora em
Bellas Artes - Sevilla, ES.
1997. Professora Titular do
Mestrado em Artes Visuais -
Deptº de Pintura e História
da Arte EBA, UFBA.
graca.ramos@terra.com.br –
www.gracaramos.blogspot.com

Resumo

O objetivo deste trabalho é priorizar a **paisagem urbana**, olhando para o interior da cidade, no âmbito dos **subúrbios**, das **favelas**, até mesmo dos centros onde o fluxo das pessoas e do tráfego formam parte do movimento peristáltico deste **grande intestino da cidade do Salvador**. Propondo uma reflexão sobre o contexto que envolve o homem e a cidade com enfoque no espaço geográfico ocupado pelas favelas sob o ponto de vista da arte, do conhecimento, do construir e do reconstruir. A proposta é instigante e aborda um diagnóstico sobre aspectos como costumes, escassez, degradação e sofrimento que transita pelas ruas, vielas e becos.

Palavras chaves: Espaço - centro vital - subúrbio

RESUME

Intestin de la ville

L'objectif de ce travail est de prioriser le paysage urbain, en regardant vers l'intérieur de la ville, dans le coeur des banlieues, des favelas, jusqu'aux centres où le flux des personnes et du trafic forme une part du mouvement péristaltique de ce grand intestin de la ville de Salvador. Une réflexion sera proposée sur le contexte qui englobe l'homme et la ville avec un focus sur l'espace géographique occupé par les favelas du point de vue de l'art, de la connaissance, du construire et du reconstruire. La proposition est réalisée en tant qu'instigation et aborde un diagnostic sur des aspects tels que les coutumes, la pénurie, la dégradation et la souffrance qui transitent dans les rues, les ruelles, les impasses.

Mots-clés : Espace - centre vital - banlieue

Apresentação

A crônica *Fora da Vida*, de Olavo Bilac, no jornal *Correio Paulistano* no dia 25 de setembro de 1907, e posteriormente no livro *Ironia e piedade*, em 1916, já abordava o assunto favela, registrando a história sobre sua visita ao Morro da Conceição (Rio de Janeiro) no qual encontra “lá no alto do morro”, nas palavras do cronista, “uma velha mulher, lavadeira, que não vem ao centro da cidade há mais de trinta e três anos!” (BILAC, 1926), concluindo abismado sobre esta senhora:

E, tão perto materialmente de nós, no seu morro, essa criatura está há mais de trinta e três anos tão moralmente afastada de nós, tão separada de fato de nossa vida, como se recuada no

espaço e no tempo, estivesse no século atrasado e no fundo da China ou da Austrália.

A favela nesse ponto de vista vive uma temporalidade difusa, apartada da cidade, localizada num espaço segregado e hermético, um **não lugar**, um território diferenciado. Assim, continua Bilac:

E quando de novo cheguei ao alto do morro, dando outra vez com os olhos na cidade, que embaixo dormia iluminada, imaginei chegar de uma longa viagem a um outro ponto da terra, de uma corrida pelo arraial da sordidez alegre, pelo horror inconsciente da miséria cantadeira, com a visão dos casinhotos e das caras daquele povo vigoroso, refestelado na indignância em vez de trabalhar, conseguindo bem no centro de uma grande cidade a construção inédita de um acampamento de indolência, livre de todas as leis (BILAC, 1926).

Bilac descreve o ambiente da favela de um ponto de vista que pode ser considerado preconceituoso para os dias de hoje.

Tom e Vinicius (1963) estabeleceram que, **“O morro não tem vez e o que ele fez, já foi demais, mas, olhem bem vocês, quando derem vez ao morro, toda cidade vai cantar”**, numa alusão ao poder da cidade frente ao morro. Nesse caso, a pressuposição é de que o “asfalto”, a cidade tem o poder de dar voz ao morro.

No ritmo do Funk Carioca, Fernanda Abreu, grita pela favela: **“Eu só quero é ser feliz, andar tranqüilamente na favela onde eu nasci e poder me orgulhar e ter a consciência que o pobre tem seu lugar”**. A música no Brasil sempre foi associada à musicalidade do habitante dos morros cariocas, considerados criadores do samba e das escolas de samba.

Na medida em que a favela é percebida com esse perfil poético e fetichista, idealizado nos discursos culturais, é transfigurada a cada instante em signo de abominação e rechaço social, perdendo as tentativas de construção de um novo olhar, sobre um espaço atualmente dominado pela violência e cada vez mais formando um verdadeiro *apartheid*, como bem descreve Ventura.

O escritor Zuenir Ventura autor do livro *Cidade Partida* (1994) faz uma *crônica noir*, “nessa parte central da favela predominam casas de alvenaria; os barracos ali são raros. Mas as paredes de tijolos aparen-

tes, sem acabamento, dão a impressão de um bairro inacabado”. Zuenir, descreve assim, a **estética da favela**, porém, durante o texto do livro o que se observa é a descrição de um *apartheid social*, numa visão realista de que a favela, continua a representar um outro mundo.

Em um mundo de escassez de tudo, de civilidade, privacidade, respeito pelo outro, do que vestir, do que comer, a falta de percepção da própria realidade como tragédia. Pode-se comparar essa situação com a descrição de Sartre (1987) sobre a escassez, “cada qual sabe que figura como objeto no campo prático do outro e isso mesmo impede os dois movimentos de unificação prática de constituir com o mesmo entorno (environment) dois campos de ação diferentes”.

Karl Marx (1848) define que “o capitalismo é um sistema excludente e cruel, para as classes dominadas, onde as relações de poder são fundamentais e buscam a exploração do empregado pelo patrão” em sua tese “o capitalismo é a exploração do homem pelo homem” (MARX, 1967). O autor ainda afirma que existe necessidade de uma mudança social nas relações de poder, e tudo que é produzido a todos pertencem. Mas, esse conceito não vale para o sistema capitalista onde, na prática vale a lei do mais forte economicamente.

Segundo Rollo May, em seu livro *O homem a procura de si mesmo* (2002) existe a indagação: “como é possível alcançar a integração interior numa sociedade tão desintegrada? Ou então: como empreender a longa evolução para a auto-realização numa época em que quase nada é certo, nem no presente, nem no futuro”. Para May “uma das poucas alegrias da vida numa época de ansiedade é o fato de sermos forçados a tomar consciência de nós mesmos”.

Nesse sentido, o processo de consciência representa o poder de gerar mudanças no habitat natural do homem através da busca de forças que somente o esforço e o desejo do indivíduo podem promover.

A cidade é a base material socialmente produzida para acolher o homem, **um organismo vivo** e articulado, um teatro onde tudo acontece, numa representação concreta da vida urbana. Tolstoi comentou que para ser universal, bastaria falar de sua aldeia..., porque, segundo ele, qualquer cidade representa um microcosmo único, com pouquíssimas variáveis.

O homem vive um eterno confronto com a **urbe**. Auge (1992) comenta que “a cidade como lugar antropológico corresponde a formações urbanas, extensas, social, territorialmente diversificada e fragmentada”.

Nessa fragmentação, as cidades compõem modelos distintos, realidades urbanas bastante complexas, contraponto entre o “luxo e o lixo”, apresentando a metrópole como um modelo dualista. São graus distintos de desenvolvimento. De um lado, vias arborizadas, limpas, bem iluminadas, fluídas, representando o luxo. Nesse cenário, segundo o escritor paraense Nélio Mello durante o VI Encontro Interinstitucional de Filosofia (2008) “as cidades são modeladas e remodeladas pela mão do homem e o homem nelas transita como um meteoro que risca o espaço e desaparece”. Ele, o homem, apenas transita e goza do prazer desse prazer de transitar.

Do outro lado, o caos, o ambiente denso, ruas estreitas, sujas, **ambulantes, vendedores de todas as coisas...**

O fluxo de pedestres é irregular, desordenado, marginal, inconstante e imprudente. Nas urbes do mundo subdesenvolvido ou em desenvolvimento, esse lado da cidade é sempre apresentado como caótico, poluído, desorganizado.



Figura: Contrastes da Metrópole.

Fonte: www.ivebeenthere.co.uk/places/brazil/sao-paulo

O contraste entre esses dois mundos é evidente. A idéia recorrente é de que nos subúrbios/favelas, as pessoas estão sempre desajustadas, inseridas na marginalização geográfica, eterna pressão na demanda por um espaço ou um “não-lugar”, representação social estigmatizada. Segundo Parsons (1952) “O território compartilhado impõe a inter dependência como práxis, e essa base de operação da comunidade, resulta na acumulação sempre crescente de problemas e de pessoas em espaços limitados”.

De acordo com a definição oficial do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística é considerada favela toda “área com no mínimo 51 casas sem título de propriedade, caracterizada pela precariedade de serviços públicos e pela urbanização irregular”. A que a maioria da população urbana vive hoje em imensas favelas, uma sociedade em processo de constante crescimento demográfico, sem qualquer infraestrutura ou serviços.

Para Morin (1991), “desde o seu nascimento, o ser humano conhece por si, para si, em função de si, mas também pela sua família, pela sua tribo, pela sua cultura, pela sua sociedade, para elas, em função delas”. Numa perspectiva simplista, a urbe da modernidade exige a ação de projetar e ordenar cidades para atender as necessidades básicas desse ser humano, paralelamente à consciência social e cultural.

Acredita-se que um banho de cultura e ajustes sócio-político, pode promover essa modernidade, talvez, em um diálogo do homem com a arquitetura e consigo mesmo.

Bakhtin (2003), “afirma que a arquitetura concreta do mundo atual dos atos realizados tem três momentos básicos: o Eu-para-mim mesmo; o outro-para-mim; o Eu-para-o outro (basic moments: I-for-myself, the other-for-me, and I-for-the-other)”.

A partir desse contexto, entende-se que Homem e Cidade se confundem e podem ser integrados a interagir, numa eterna fruição entre tempo e espaço, porque nada pode ser feito para conter a ação do tempo e da modernidade numa delimitação conclusiva de Sanguin (1977 *apud* SANTOS, 1996) em que “a territorialidade é, igualmente, transindividualidade, e a compartimentação da interação humana no espaço”. Assim, ambos, homens e ambiente, compõem paisagens concretas, de cimento, pedra, suor e sangue.

Local da arte

A favela para Helio Oiticica foi ponto de referência para sua obra artística ricamente experimental e que traduzia a alma de seus habitantes, representada por criativas capas, como segunda veste, carregadas de verdadeiros poemas...

A favela não somente vem sendo referência e inspiração para o mundo das artes, mas também obedece a uma representação social que já é praticamente centenária, pertence a um espólio admirável que a geografia urbana, as ciências sociais e o sistema político de hoje não podem descartar.

“(...) como as pessoas sobreviviam, o combate de uma vida primitiva no meio de um mundo moderno. Perto do hotel onde fiquei, bem ao lado de Favelas, a polícia chegou e destruiu tudo. Uma semana depois, haviam começado a reconstruir. É como um ciclo natural, como uma flor que cresce, floresce e morre. É um puro estado do humano. Encontrei nessa situação nômade, nesse ciclo temporal, uma grande influência sobre a idéia de construir e destruir tudo reciclando os materiais. Destruir, jogar fora, reconstruir, essa é uma situação de um não-lugar, da não-história.

“Oiticica, por outro lado vai além do formalismo ao desconstruir a própria idéia de abrigo, da habitação, ao fundir abrigo e abrigado, habitante e habitação, e ao mesmo tempo em separá-los. Haroldo de Campos, poeta e crítico literário brasileiro, explica muito bem a atitude desconstrutiva de Oiticica:

“(...) Ele tinha convivido com a favela, com a Mangueira, com o samba, festa corporal, com aquilo que numa palavra agressiva da gíria de hoje, se chamaria de “desbum”, que tem;

(JACQUES, 2008)

Para o artista plástico as cidades – a paisagem urbana – de modo geral e particularmente as favelas ou sub-urbis e seu *modus vivendi*, vem sendo, desde algum tempo, objeto de estudo e temática.. Não somente com a visão externa, mas como fez Oiticica que vivenciou esse outro lado da cidade, o “espaço dividido”, do qual se refere Milton Santos que explica: existem na realidade dois espaços nos países em vias de desenvolvimento: “CIRCUITO SUPERIOR e **CIRCUITO INFERIOR** ou **FAVELAS**:

“Favelas e cortiços constituem, nos países subdesenvolvidos, uma realidade multiforme e mutável, (...)” (Santos, 2004, p.75).

A necessidade de transformar a natureza de um espaço degradado e utilizar o conhecimento como força produtiva, remete ao livro *Discurso do Método* escrito em 1637:

Em lugar da filosofia especulativa, ensinada nas escolas, é possível encontrar uma prática por meio da qual, conhecendo tão claramente a força e as ações do fogo, do ar, dos astros, dos céus e de todos os demais corpos que nos rodeiam como conhecemos os variados ofícios de nossos artesãos, poderíamos aproveitá-los da mesma maneira em todos os usos adequados e, desse modo, nos convertermos em donos e possuidores da natureza (DESCARTES, 2005).

Para Descarte a força do homem resume-se na teoria, mudando apenas na concepção: empirista, racionalista e idealista. Marx (1867) preocupou-se com o homem e a sua história sempre marcada pela contradição da relação entre o homem e a natureza. Segundo ele na era primitiva, o homem era totalmente dependente da natureza. Com o desenrolar da história foi desenvolvendo técnicas e criando utensílios, foram possíveis a transformação da natureza e a sua dominação, num processo em que o homem também se transformou. Na era primitiva, a capacidade humana de pensar era limitada por essa dependência, mas, ao dominá-la, ele pôde desenvolver as suas faculdades mentais e emocionais.

Morin (2000) fala em “civilizar” as teorias, desenvolvendo uma nova geração delas, mais abertas, críticas, reflexivas, aptas a se auto-reformar, capazes de imprimir lucidez à ação humana. Assim, o homem liberta-se da natureza a partir do trabalho, desenvolve a sua capacidade intelectual, tornando-se um ser independente e livre.

Nessa reflexão, está contida a idéia de que é possível a construção ou reconstrução de uma natureza que se apresenta fatalista, através da interação entre pessoas que pertencem a ambientes diferentes. “A sociedade possibilita a autocriação e auto-realização do homem, e uma “boa sociedade” é composta por indivíduos livres, produtivos e desenvolvidos (FROMM, 1986).

Para Marx, quando o homem obtivesse o controle total da natureza e eliminasse os antagonismos entre as classes, estaria terminada a

pré-história e seria possível a criação de uma sociedade e uma história verdadeiramente “humana”.



Detalhe da obra de Áurea Castro - 2007

Na Escola de Belas Artes da UFBA, onde sou professora titular de pintura, foi sugerido o projeto **Intestino da Cidade** que envolveu alunos da graduação da Disciplina de Pintura III, Mestrado em Artes Visuais da EBA e alguns Artistas convidados durante o Iº e IIº semestres de 2007 e o Iº de 2008. Foi aludido aos participantes, o referido tema como estratégia de uma nova mirada e campo de experimentações, onde se pudesse através da arte denunciar o caos e transmutar em um lugar de cultura própria, organizado, auto-suficiente, preservado, significando a urbanidade, como sinônimo de cidadania, civilização. O tema (sub-urbis)= Subúrbio foi escolhido também no sentido de estudarmos uma sociedade menos privilegiada, habitantes deste “não lugar”, mesmo porque vivemos em uma sociedade desprovida de virtude, moral e politicamente frágil. Refletido, portanto, a necessidade de repensar o urbano, o social, o educacional e o artístico, além do mero discurso. Mesmo porque se sabe que o sistema capitalista privilegia determinada camada da população em detrimento de outras. A burguesia tem o domínio nas mãos segundo Marx.

A proposta seria a arte de construir sonhos, a procura por soluções adequadas. Não apenas retratar a realidade e sim INTEFERIR, TRANSMUTAR.

Pela **Urbe/Favela** transitam uma aglomeração excessiva de pessoas, ruas e ruelas, verdadeiros corredores, ladeados pela superposição de casas, labirintos percorridos pelos carros e pelas gentes. A rua é o lugar da realização de um tempo-espaço determinado. A partir do espaço e da topografia, as ruas são desenhadas, com pavimentos, degraus, passeios empedrados, faixas asfaltadas, edificações e tantos outros aspectos.

No contexto da urbe, da favela, a rua é um dos mais interessantes laboratórios de idéias, de experimentações e manifestações psicológicas, urbanas, arquitetônicas e artísticas, além de temática e metáfora sígnica.

Depois de proposto o tema, ocorreu visitas, viagens de trem no interior do subúrbio, até Paripe, no profundo da cidade, entrevistas aos moradores, vários diálogos, além de documentações fotográficas.



Mario Brito. "Grande intestino". 45x30

Gravura digital - 2008

A rua é uma expressão do espaço urbano, retrato deste "intestino", que se inscreve nas relações e mistura de funções ou fruições. Na rua, a cidade se manifesta, através do seu desenho ou forma, num movimento interno, como vísceras em um organismo.

Em sala de aula o tema foi tratado de forma insistente, buscando cada um de sua maneira interpretar o cotidiano do subúrbio ou favelas de Salvador. Como descreve o aluno Anderson Marinho:

Inicialmente tentei encontrar imagens, recortes do cotidiano da nossa cidade. Um olhar para dentro de nós mesmos, com o intuito de achar particularidades que pudessem ser transformadas em pinturas. De início o tema das ribanceiras que tanto angustia e trazem problemas à população soteropolitana me pareceu interessante. [...] São milhares de casas moldadas, acopladas aos espaços disponíveis, na maioria invadindo os espaços públicos de forma caótica. O resultado obtido com a experiência, longe de demonstrar a realidade, pretende através de suas cores e texturas passar a sensação de instabilidade, uma espécie de escorrimento da camada pictórica que exemplifica o risco fatídico com que estas pessoas convivem diariamente. Ao observá-las temos a sensação que é só uma questão de tempo para que tudo venha abaixo. Em uma das telas, exagerei no vermelho para representar os diversos casos com morte, que este tipo de invasão já trouxe para a Bahia.

Em determinado momento durante o processo de fotografar para registrar, ele relata que “o álcool, os bares, as pessoas anônimas, que entregam sua vida ao vício” gerando um aspecto psicossocial, que pode ser outra vertente de abordagem.

A artista Miriam Araujo Nascimento, descreve seu processo como “Arte e vida são inseparáveis”, justificando que “o homem ao longo de sua existência evolui e transforma. Transforma a si mesmo, transforma a arte e conseqüentemente modifica a VIDA”, remetendo a Marx e citando May (1975) “a coragem e a liberdade são duas condições para que a capacidade de criar se torne um patrimônio comum de todos”. Assim, ela associou em sua visão figurativa/ abstrata à educação e à família, ao intestino da cidade, procurando entender e analisar o contexto histórico temporal e o **sentido para o silêncio do mundo**. A aluna considerou a experiência enriquecedora porque, conseguiu vivenciar sua criatividade percebendo “que todos têm necessidade de excretar tudo aquilo que não lhe serve mais” e cita Fayga Ostrower (1978):

Intuindo, procura-se estabelecer relacionamentos significativos – significativos para uma matéria e para nós. Seja qual fora a área de atuação e criatividade se elaboram em nossa capacidade de selecionar, relacionar e integrar os dados do mundo externo e interno, de transformá-los com o propósito de encaminhá-los para um sentido mais completo.



Graça Ramos - "Intestino"

Caixa de luz, técnica mista 100x100x10cm - 2007

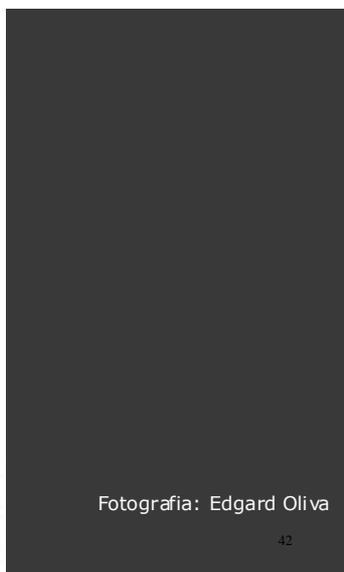


Irene Cabañas - Niños en una favela em Federação - 2008

(aluna do convenio Brasil-Espanha)

A proposta de trabalho em sala de aula foi no sentido de despertar no alunado tanto na graduação quanto na pós, uma nova mirada

sobre o lado mais marginalizado da cidade, a periferia que denominamos de INTESTINO DA CIDADE.



Nosso propósito foi reunir diversas linguagens pictóricas diferentes e olhares, que pudessem traduzir plasticamente, os movimentos peristálticos deste **grande intestino urbano** que nos digere, transformando-nos a cada instante. As cidades incham devido à má digestão social, pois não suportam o crescimento desordenado, causando explosão demográfica, desigualdade social, excrementando em conflitos e violências. Atingindo inclusive o meio ambiente que vem sendo poluído e degradado. Nestas exposições o intestino da cidade esta representado por obras constituídas de matéria e poesia ainda que carregadas, de memórias contando historias de um passado ainda presente, hora nas ruínas do centro histórico ou nas favelas impregnadas de trapos e lágrimas. As ruas de nossa cidade representadas pelas vísceras, carregadas de feridas abertas no coração do povo.

A primeira exposição aconteceu no dia 16/06/2007, na Fundação DANNEMAN em São Félix no Recôncavo Baiano a segunda na Galeria Pousa da Palavra, Cachoeira – Recôncavo Baiano, e a terceira, no Espaço Solução Visual, em Salvador.

Não estamos alegres, é certo, mas também por que razão haveríamos de ficar tristes? O mar da história é agitado. As ameaças e as guerras haveremos de atravessá-las, rompê-las ao meio, cortando-as como uma quilha corta as ondas.
Maiakovski (1927).

Referências

- AUGE, Marc. **Por uma Antropologia dos Mundos Contemporâneos**. Bertrand Brasil, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BACHELARD, Gaston. **Formation de l'Esprit Científiqu**. Paris: J.Vrin, 1972.
- BILAC, Olavo. **Ironia e Piedade**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1926.
- DESCARTES, Rene. **Discurso do Método**. Porto Alegre: L&PM, 2005.
- FROMM, Erich. **Meu encontro com Marx e Freud**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- HABERMAS, Jürgen. **Conhecimento e Interesse**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.
- JACQUES, Paola Berenstein. Parangoles de Helio Oiticica. Disponível em: <http://www.forum permanente.incubadora.fapesb.br/portal/painel/coletanea_ho/ho_berensteinjacques. Acesso em: Maio de 2008, 20:30h.
- MAIAKÓVSKI, Vladimir. **Maiakóvski – Poemas**. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- MARX, Karl. **O Capital**. Ed. Resumida. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. São Paulo: Proposta Editorial, 1982.
- MAY, Rollo. **O Homem a procura de si mesmo**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MELLO, Nelio. **VI Encontro Interinstitucional de Filosofia**. In: Centro de Filosofia e Ciências Humanas – CFCH/UFRJ, 2008.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.
- OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 1978.
- PARSON, Talcott; MARX, Karl *et al.* **Introdução ao Pensamento Sociológico**. São Paulo: Centauro, 2001.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1996.
- _____. **O Espaço Dividido: Os dois circuitos da economia urbana dos países sub-desenvolvidos**. São Paulo: EDUSP, 2004.
- SARTRE, Jean Paul. **Sartre no Brasil: a Conferência de Araraquara**. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- VENTURA, Zuenir. **Cidade Partida**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.